

Almanaque do Futuro

EXPERIÊNCIAS MOTIVADORAS PARA UM MUNDO MELHOR

Experiencia motivadora No. 47



**criação
mútua**

Em Catachilla e Rancho Nuevo, duas comunidades do município de Santivañez, Cochabamba – Bolívia, um grupo de pessoas nas suas hortas agroflorestais familiares consegue se adaptar à crise climática e particularmente ao estresse hídrico extremo. Como coletividade marca a rota de criação mutua, baseado na ideia de “aprender ensinando e ensinar aprendendo”; recuperando a partir da relação socioambiental bens comuns como água, solo, biodiversidade e semente, além da cultura alimentar. Tudo começa com uma iniciativa, induzida a partir de diversos projetos, conseguindo aos poucos uma emancipação plena dos apoios externos. O grupo se constitui como “Produtorxs agroecológicos Eco-Hortas” e “Feira Agroecológica Eco-Hortas” e, o que é mais importante tal vez, foram se empoderando do processo. Essa troca de protagonismo, do projeto ao processo autodeterminado e autónomo do tecido comunitário é um roteiro tão comum que busca ser alcançado em muitos projetos, mas que poucas vezes é atingido. À pergunta: Por que se conseguiu aquilo que é tão raro de acontecer então? No geral, não há possibilidades de adaptar o projeto a realidades que mudam e são mudadas, levando assim o projeto a terminar numa tentativa falha de acomodar a lógica da realidade à lógica do projeto... parece que aqui ocorreu o inverso.

ENTRE A MULTIRRESIDÊNCIA E O TERROIR

Seu Javier Soto, integrante do grupo Eco-Hortas, lembra enquanto mostra com orgulho: “Tenho esse terreno aqui em Catachilla, e tenho uma terrinha no Chapare, no trópico cochabambino e outra em Buenavista, pelo oriente. Mas quando comecei com a

minha horta agroecológica aqui em Castachilla, já não posso me ausentar muito tempo. As plantações demandam cuidado quase diário e tem gente que me procura para comprar os meus produtos”. Várias pessoas conformam o grupo de Eco-Hortas, na sua maioria mulheres que devido a secas prolongadas, com a perda do 80% das colheitas, migraram para as cidades e muitas viveram como refugiados econômicos na Espanha. Par-

tilham a percepção da vida no campo como algo de apreciar, para além dos desafios; motivo pelo que retornaram. Partilha Dona Lidce Vidal: “Vivemos como família na cidade, mas com as crianças pequenas decidimos retornar porque encontramos mais qualidade de vida aqui”. Isso de plantar não deixa de ser complexo a necessidade de colher água e recolher chuva e transitar ao regadio de gotejamento, plantar em horta em menor escala e usando tela sombrite, diversificar as variedades da horta, resgatar sementes nativas com maior resistência às secas, assimilar formas e técnicas de produzir e aplicar adubos, fertilizantes e inseticidas orgânicos e naturais para mencionar alguns dos temas. Roger Maldonado, junto com Tania Ricaldi do Centro de Estudos Superiores Universitários – CESU da Universidade Maior de San Simón de Cochabamba acompanham o processo: “Este processo de fato começou com projetos com a universidade, mas faz um tempo vai por conta própria, pilotado plenamente pelos integrantes das Eco-Hortas”.

NO COMEÇO A CHACRA

O processo tem seu começo em 2015, com um projeto do CESU, financiado pela Cooperação Suíça (COSUDE) buscando apoio nas capacidades agro-ecossistêmicas para aumentar a resiliência tanto no município de Santivañez como em outras zonas do departamento de Cochabamba. O projeto original estava desenhado prevendo as chacras inteiras como a escala de intervenção. Vista a situação de emergência climática com secas prolongadas, esgotamento dos aquíferos e outros eventos climáticos como geadas e granizo que provocaram a migração massiva do campo para a cidade e mesmo ao exterior não permitiu começar a partir da hipótese inicial do projeto. Sob a coordenação ou direção do CESU e Tania Ricaldi na liderança foi possível fazer a administração da universidade mudar de ideia e negociar os patrocinadores uma mudança do foco do projeto e as ações de apoio às famílias produtoras. A migração da abordagem da chacra para a horta melhorada,

com tela sombrite, regadio por gotejamento e cercado para evitar que os animais domésticos invadissem as plantações da horta, implicava a necessidade de um redesenho das ações, processos de pesquisa e orçamento, prevendo a capacidade de investir nesses rubros. Perguntando para a Tania Ricaldi sobre os diferentes momentos e jeitos de adequar, disse: “Do início até agora acho

que conseguimos acomodar as diferentes ações e estratégias de pesquisa e acompanhamento às famílias com uma flexibilidade frente aos desafios e às mudanças poucas vezes vista; passando de chacras a hortas, incorporando o recolhimento de água da chuva e o regadio por gotejamento, o resgate de sementes nativas mais resilientes como iniciativa do pessoal; a organi-



zação mensal da feira agroecológica em Catachilla como outro dos acertos das famílias participantes; a Casa de Sementes Muju Wasi que foi outra iniciativa do grupo. A última grande adaptação foi termos introduzido o componente florestal e de pomar de frutais; pelos benefícios ao microclima, a produção de folhagem para o mulch¹, pela contribuição à economia familiar e à diversidade alimentar, por mencionar só alguns dos tantos benefícios que possui essa abordagem”.



Frente à pergunta de como foi acomodar os marcos lógicos, as matrizes de metas e indicadores e as rotas de efeitos e impactos, geralmente camisas de

força dos projetos, Tania explica com um sorriso cúmplice que na sua leitura foi mais simples e fácil graças ao compromisso e decisão das famílias, a abertura da equipe de pesquisa e o vaivém de diferentes grupos e entidades patrocinadoras; o Grupo de Trabalho Mudança Climática e Justiça, apoiado por Misereor no equipamento do Muju Wasi, a Universidade de Córdoba na Espanha e o apoio da cooperação Italiana (CEVI) para os tanques de recolhimento de água da chuva, etecétera; a lista de aliados que tem apoiado em diversos momentos é longa: sob a liderança do CESU da Universidade Maior de San Simón (UMSS) e o financiamento do COSUDE. A Universidade Católica Bolivariana de Cochabamba (UCB), a Fundação Alerta Verde, Fundação Abril e a Fundação Agrecol Andes têm sido parte do projeto, entre outras. Atualmente há um apoio pontual da Faculdade de Ciências e Tecnologia para desenhar silos simples que ajudem a mitigar a diminuição das colheitas guardadas e para o design de estufas para enfrentar as geadas agressivas dos últimos anos que afetaram as plantações. Concluí sua breve análise com um parêntese: “Esse projeto responde faz

tempo à dinâmica das pessoas, para além de qualquer projeto passageiro”.



DO PROJETO AO PROCESSO

Numa conversa com o pessoal que integra o grupo das Eco-Hortas que é o núcleo principal de quem participou desde o início nos diferentes projetos, fica claro ao visitante em pouco tempo a gratidão que as pessoas sentem frente ao CESU, porém, na mesma intensidade se percebe que quem

¹ NdaT: Cobertura morta (mulch, ou mulching é o termo usado em inglês) é a técnica que consiste na aplicação de uma camada de material orgânico seco resistente às intempéries, como folhas, serragem, palha, casca de árvores.

conduz atualmente o processo são os integrantes das Eco-Hortas. Perguntando pelo porquê, pelo visto aconteceu aqui o que em tantos textos de projetos pode ser lido como um dos objetivos que poucas vezes é atingido: a transferência do protagonismo pleno ao tecido sócio territorial. A resposta pode ser encontrada tal vez na abordagem conceitual da criação mutua e a metodologia participativa, bases do processo desde o início onde se ensina aprendendo e se aprende ensinando. Na prática, isto significa começar, tentar readequar, trocar e compreender tudo como rota da auto aprendizagem. Desta forma, os sucessos e avanços são percebidos diante de tudo como fruto dos esforços próprios e do grupo antes do que um sucesso atribuído a intervenções externas. A pronunciada autodeterminação das pessoas participantes, que tem se incrementado ao longo do processo, da conta desta apreciação. A lista desses marcos autodeterminados dentro do processo é longa: o resgate da semente nativa e o Muju Wasi, a conformação da associação Eco-Hortas e o estabelecimento da feira agro-

ecológica local, a participação e habilitação dxs cultivadores de hortas no sistema participativo de garantia 'Mi Lljaita', entre outras.

DE REFÚGIO A ENCONTRO DE GERAÇÕES

Dona Miguelina diz: *“a horta é meu refúgio diante das adversidades da vida, alimenta o corpo e o espírito”*. Lidce Vidal, também com a sua horta, além de trabalhar como avaliadora no processo de habilitação do sistema participativo de garantia, ao qual aplicaram quase todas as pessoas das Eco-Hortas, já tendo obtido o certificado, indica fazendo alusão à horta *“vemos o sacrifício e o carinho para produzir alguma coisa [mas ao mesmo tempo é] como um relaxante estar na horta”*. Para Dona Mariela Aguilar, a motivação para começar a horta própria era *“que não se sabe com quantos químicos são vendidos os produtos do mercado”*. Dona Casta



Choque com sua filha Célia contam: *“a horta une várias gerações, entre avó, filha, neta”*. Para muitas das pessoas das Eco-Hortas, as trocas de experiências e visitas mutuas com cultivadores de Sipe Sipe, Japo e Pasorapa tem sido momentos cruciais no avanço do processo com suas hortas, refletindo coletivamente a respeito de suas aprendizagens e seu relacionamento sócio natural. A pandemia confirmou os benefícios das hortas. As trocas constituem parte importante da criação mutua e permitem dinâmicas altamente motivantes. Para Seu Javier é graças a essas trocas *“que conseguimos fazer a semente andar”*.

CONTÁGIOS POSITIVOS

O grupo Eco-Hortas despertou o interesse ao seu redor. Jovens se aproximaram para formar parte do grupo. O município de Santivañez incorporou a abordagem de hortas agroflorestais familiares a seu Plano Territorial de Desenvolvimento Integral. Na unidade educativa Luis Guzman Araujo agora tem uma horta que foi incorporada como ferramenta de ensino. A Universidade Maior de San Simon faz um ano organiza toda a segunda sexta feira do mês a Feira de comercio justo e alimentação saudável no seu campus inspirados pela feira agroecológica das Eco-Hortas. Nessas feiras, tanto em Catachilla como no campus universitário, são oferecidas comidas típicas para além de produtos frescos e saudáveis, resgatando costumes e valores da cultura alimentícia. Grupos de produtorxs, de consumidorxs, de estudantes e de pesquisadorxs estão sendo recebidos para compartilhar experiencias, estabelecendo uma troca de saberes e conhecimento. Assim, têm nascido rotas de aprendizagem, um

potencial muito valioso para diferentes maneiras de fazer um possível ecoturismo.

A criação mutua de Lidce e Javier, de Miguelina e Nélide, de Nelly e Mariela, Maria e Casta, Francisca, Celia, Hilarion, de Sofia, Brayan e Betty permitiu uma resiliência socioambiental considerável, mas principalmente permitiu construir coletivamente conhecimentos como bens públicos de aceso livre.



MENSAGENS PARA O FUTURO

Criação Mútua – rota rumo ao auto empoderamento e transformação.

Moral da experiência: projetos e planejamento/planificação são meras tentativas de projetar boas intenções para o futuro, com o risco de ignorar as futuras realidades ou pior ainda: querer que a realidade seja a que se adapte... mas rotas diferentes são possíveis.

O mosaico de roteiros da experiência: construir comunidade, recuperar e redefinir bens comuns, contagiar o outro, rota de aprendizagem a partir da própria experiencia, atuação e protagonismo na própria história, soberania produtiva e alimentar como ato político, relacionamento socioambiental e troca de saberes para o enriquecimento mutuo.

O andar conjunto, com desprendimento, cumplicidade e reciprocidade, permite traçar rotas para a produção e reprodução da cultura e da vida.

Almanaque do Futuro

O texto foi elaborado, com base nas conversas em Catachilla e Rancho Nuevo por Jorge Krekeler (coordenador do Almanaque do Futuro - facilitador de Misereor a pedido de Agiamondo) acompanhado pela Ida Peñaranda e o Juan Estrada que assumiram a documentação audiovisual. Um profundo agradecimento tanto ao grupo das Eco-Hortas e sua Feira Agroecológica, com Javier Soto Flores, Celia Cáceres Choque, Sofía Ferrufino, Hilarión Jaldín, Lidce Vidal Hinojosa, Betty Loza Hinojosa, Nelly García Herbas y María Loza; assim mesmo como à Tania Ricaldi e Roger Maldonado do Centro de Estudos Superiores Universitários - CESU da Universidade Maior San Simón de Cochabamba – UMSS pela acolhida e a abertura diante da curiosidade atrevida do Almanaque do Futuro.

Autores: **Jorge Krekeler**
jorge.krekeler@posteo.de

Design: **Ida Peñaranda - Gabriela Avendaño** Fotografias: **UMSS – CESU - Ida Peñaranda y Juan Estrada - Jorge Krekeler**

Dados de contato a respeito da experiência documentada:

Lidce Vidal Hinojosa
EcoHuertos

WhatsApp: +591 73977650

Tania Ricaldi
UMSS - CESU

E-mail: taniaricaldia@gmail.com
<https://www.facebook.com/cesuumss/>

Edição: **abril 2023**

www.almanaquedelfuturo.com

Com o apoio de:

misereor
AÇÃO COMUM JUSTA GLOBAL

Em aliança com:



CC-BY 4.0, podem aplicar outras licenças a logotipos, imagens individuais e textos (<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/.21.06.2018>)